

TEXTO I

SOBRE O TEATRO COTIDIANO

Vocês, artistas que fazem teatro
Em grandes casas, sob sóis artificiais
Diante da multidão calada, procurem de vez em quando
O teatro que é encenado na rua.
Cotidiano, vário e anônimo, mas
Tão vívido, terreno, nutrido da convivência
Dos homens, o teatro que se passa na rua.
Aqui a vizinha imita o proprietário, deixa claro
Demonstrando sua verbosidade
Como ele busca desviar a conversa
Do cano d'água que arrebentou. À noite, nos parques
Rapazes mostram à garotas risonhas
Como elas resistem, e resistindo
Mostram habilmente os seios. E aquele bêbado
Mostra o pastor em sua prédica, remetendo
Os despossuídos
Aos ricos pastos do paraíso. Como é útil
Esse teatro, como é sério e divertido
E digno! Não como papagaios e macacos
Imitam eles, apenas pela imitação em si, indiferentes
Aos que imitam, apenas para mostrar
Que sabem imitar bem; não, eles têm
Objetivos à frente. Que vocês, grandes artistas
Imitadores magistras, não fiquem nisso
Abaixo deles. Não se distanciem
Por mais que aperfeiçoem sua arte
Daquele teatro cotidiano
Cujo cenário é a rua.
Vejam aquele homem na esquina! Ele mostra
Como ocorreu o acidente. Neste momento

Entrega ele o motorista ao julgamento da multidão. Como
Ele estava ao volante, e agora
Imita o atropelado, aparentemente
Um homem velho. De ambos transmite
Apenas o tanto para tornar o acidente inteligível, porém
O bastante para que apareçam claramente. Mas ele
Não mostra ambos como incapazes
De evitar um acidente. O acidente
Torna-se assim inteligível e também ininteligível, pois ambos
Podiam fazer outros movimentos; agora ele mostra como
Eles poderiam ter-se movimentado, para que o acidente
Não acontecesse. Não há superstição
Nessa testemunha, ele não vê
Os mortais como vítimas dos astros, somente
Dos próprios erros.

Bertolt Brecht – Poemas 1913-1956

TEXTO II

JULIO CÉSAR – Romanos, concidadãos, amigos. Ouvi exposição de minha causa e fazei silêncio para que possais ouvir. Crede em minha honra e respeitai minha honra, para que possais acreditar nela. Julgai-me segundo vossa sabedoria e ficai com os sentidos despertados para que possais julgar melhor.

Se houver alguém nessa reunião, algum amigo afetuoso de César, dir-lhe-ei que o amor que Brutus dedicava a César não era menor do que o dele. E se esse amigo então perguntar porque motivo Brutus se levantou contra César, eis a resposta: não foi por amar menos a César, mas por amar mais a Roma. Que teríeis preferido: que César continuasse com vida e vós todos morrêsseis como escravos, ou que ele morresse para que todos vivêsseis como homens livres?

Por me haver amado César, pranteei-o; por ter sido ele feliz, alegro-me; por ter sido valente, honro-o, mas por ter sido ambicioso, matei-o.

Logo: lágrimas para sua amizade, alegria para sua fortuna, honra para o seu valor e morte para a sua ambição. Haverá aqui nesse momento alguém tão vil que deseje ser escravo? Se houver alguém nessas condições que fale porque o ofendi. Haverá alguém tão grosseiro para não querer ser romano? Se houver que fale, porque eu o ofendi. Haverá alguém tão desprezível que não ame a sua pátria? Se houver, que fale, porque eu o ofendi.

Faço uma pausa para que me respondam.

JULIO CÉSAR – de W. Shakspeare – 1564-1616

(Depoimento de Brutus ao povo romano, após ter assassinado JULIO CÉSAR pelo domínio do trono de Roma.)

TEXTO III

CYRANO – Isso é banal e não tem graça nenhuma.
 Poder-se-ia dizer...mais tanta coisa em suma!
 Variando o tom de voz....assim: dai-me atenção:
 AGRESSIVO: “Senhor, tamanho narigão
 Fosse meu, eu, sem dó, lhe apararia o topo!”
 CORTÊS: “Esse nariz mergulha-vos no copo:
 Usai duma garrafa para beber melhor.”
 DESCRITIVO: “É rochedo! É cabo! Inda é maior:
 É promontório! É mais: é o Novo Continente!”
 CURIOSO: “De que serve essa vasilha ingente?
 Servirão de tinteiro as fossas nasais?”
 GRACIOSO: “Tanto afeto às aves dedicais,
 Que por isso busqueis, benévolo e fagueiro,
 Aos delicados pés ceder-lhes um poleiro?”
 TRUCULENTO: “Senhor, se vós vos distraídes
 A fumar, e a lançardes vapores pelo nariz,
 O vizinho pode pensar que a vossa chaminé está a explodir.”
 PREVIDENTE: “Cuidado! O crânio que se guarde:
 Com esse peso é capaz dele estar ruindo.”
 TERNO: “Colocai-lhe em cima um toldo, um mezzanino,
 Do contrário, talvez a luz do sol empane-o.”
 PEDANTE: “Só o monstro, o monstro Aristofânio,
 -Hipocampelefantocamelo- afinal,
 Teve tão volumoso o apêndice nasal”.
 CAVALHEIRO: “Isso é um gancho para quem tem esse gosto,
 Pendurai-lhe um chapéu, que ficará bem posto.”
 EMPOLADO: “Que vento, exceto algum pampeiro,
 Poderá, ó nariz, te constipar por inteiro?”
 TRÁGICO: “É o Mar Vermelho o teu sanguíneo jato!”
 PASMADO: “É um prato cheio pra vendedor de extrato”.

LÍRICO: “É a vossa concha, ó filho de Anfitrite?”
 INGÊNUO: “É um monumento, a entrada se permite?”
 RESPEITOSO: “Deixai saudar-vos a eminência:
 Vale um bem de raiz tamanha saliência.”
 LAPUZ: “Virgem Maria! Isso é nariz de sobra:
 Pode-se pensar que é couve ou quem sabe uma abóbora?”
 BELICOSO: “Apontar! Avante cavalaria!”
 PRÁTICO: “Se o meteis em rifa ou loteria,
 Vai ser a sorte grande, a bruta, certamente.”
 Enfim, parodiando a Píramo plangente:
 Eis o nariz fatal que aos traços do Senhor
 A harmonia desfez! E cora de pudor!”

Da peça CYRANO DE BERGERAC de Edmond Rostand – 1868-1918

(Desabafo em forma de desafio lançado pelo personagem a um falastrão que se referiu desairosamente ao seu nariz enorme)

DICIONÁRIO SOCORRISTA:

GRACIOSO – Que tem ou em que há graça. Dado ou feito de graça. Que envolve generosidade, liberalidade.

EMPOLADO – Muito pomposo, bombástico.

PASMADO – Admirado, surpreendido, espantado.

LAPUZ – Grosseiro, tosco.

BELICOSO – Revolto, agitado, preparado para a guerra.